



## O CONCEITO DE RESSURREIÇÃO EM HANS URS VON BALTHASAR: CRISTOLOGIA-TRINITÁRIA

(The Concept of Resurrection in Hans Urs von Balthasar: Christology-Trinitarian)

**Vanderson de Sousa Silva\***

Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-RJ

Mestrando em Educação pela UFJF

Graduado em Filosofia (IFITEPS)

E-mail: semvanderson@hotmail.com

### RESUMO

Nosso trabalho intenta perquirir, ainda que laconicamente, a categoria teológica da *ressurreição* no contexto da reflexão de Hans Urs von Balthasar. Para tanto, não se apresentará de forma a esgotar a cristologia balthasariana, mas apenas, buscar-se-á adentrar-se em sua obra: *Mysterium Paschale*, perquirindo, como o referido autor compreende as implicações da ressurreição na cristologia, não olvidando que Balthasar realiza nesta obra uma reflexão cristológico-trinitária.

**Palavra-chave:** Hans Urs Von Balthasar. Cristologia. Ressurreição.

### ABSTRACT

Our work attempts research albeit tersely the theological category of *resurrection* in the context of reflection of Hans Urs von Balthasar, for both, not present in order to exhaust the balthasarian Christology, but only seek will enter into his work: *Mysterium Paschale*, searching as the above author understands the implications of *ressurreição* in Christology, not forgetting that Balthasar performs this work reflect a Christological and Trinitarian.

**Keywords:** Hans Urs von Balthasar. Christology. Resurrection.

## INTRODUÇÃO

Todo o Novo Testamento é concorde em considerar que a cruz e a sepultura de Cristo só tem significado à luz do evento pascal, sem o qual não haveria fé cristã.<sup>1</sup>

A cristologia como reflexão teológica, no sentido lato, somente foi possibilitada pelo evento da Ressurreição,<sup>2</sup> assim, na experiência pascal encontra-se o fundamento do que será uma fé explícita e amadurecida, em Jesus Cristo, por parte da comunidade eclesial, expressa na cristologia neotestamentária e nos escritos dos padres da Igreja e dos autores cristãos dos primeiros séculos.

Neste artigo buscar-se-á apresentar o pensamento do teólogo alemão Hans Urs von Balthasar partindo de sua reflexão cristológico-trinitária para adentrar a categoria teológica da *ressurreição* em sua obra: *Mysterium Paschale*. Para tanto, apresentar-se-á os pressupostos ao pensamento balthasariano, para assim, perquirir o que caracteriza seu pensamento que é o *drama* trinitário, perpassada pela solidez da Escritura, da Tradição e da fé Eclesial, como bem define Holzer.<sup>3</sup>



## 1. MYSTERIUM PASCHALE: PRESSUPOSTOS AO PENSAMENTO DE BALTHASAR

O desenvolvimento da teologia Trinitária deve-se ao transcurso histórico das heresias dos cinco primeiros séculos, mais precisamente, o arianismo, subordinacionismo, monarquianismo modalista e macedonianismo.<sup>4</sup> A Igreja dos primeiros séculos não possuía definições dogmáticas magisteriais acerca da teologia trinitária, esta ‘gestação’ do dogma ao longo do tempo, possibilitou equívocos por parte da formulação do ato de fé de muitos cristãos, este ‘equívoco’ denominou-se heresia, ou melhor, heterodoxia.<sup>5</sup>

Coloca-se, portanto, o grandioso desafio à Igreja nascente, refletir com categorias da razão, sem olvidar-se do *silentio obsequioso* à Revelação, ‘dizer’ o indizível do mistério trinitário. Tarefa esta que os santos padres não se furtaram, mas a colocaram como meio à evangelização.<sup>6</sup>

Ainda que a primitiva reflexão acerca do mistério trinitário tenha sido uma fé batismal, num contexto litúrgico-mistagógico<sup>7</sup>, embebido da sacramentalidade dos ritos e símbolos e do alegorismo bíblico, caro ao período patrístico, foi impondo-se a tarefa de refletir com categorias da *ratio* humana, o mistério de Deus, correndo-se o risco de cair no triteísmo, radicalmente oposto à fé veterotestamentária e à revelada em Jesus no Novo Testamento.<sup>8</sup>

Assim, obra de Hans Urs von Balthasar intitulada – *Mysterium Paschale*, de fato, apresenta um contributo<sup>9</sup> na reflexão teológica acerca da relação cristologia-soteriologia-trindade, pois apresenta uma nova imagem de Deus, partindo do conceito teológico-escriturístico de *quenose*.

Balthasar busca uma nova imagem do Deus Uno-Trino, esta é perpassada pela chave de leitura do conceito grego ‘kenoses’. Para o autor, a relação intra-trinitária é por essência quenótica, visto que, há um esvaziamento eterno na Trindade. Esta quenose Trinitária, para von Balthasar, constitui [...] *a pessoa do Pai e, ao mesmo tempo, do Filho e a do Espírito Santo*.<sup>10</sup>

A Encarnação de Cristo para Balthasar continua sendo o expoente deste esvaziamento trinitário, como assevera a teologia neotestamentária. No entanto, o teólogo alemão, transborda a tradicional teologia paulina da carta aos Filipenses (Fl 2,6-11<sup>11</sup>) às demais Pessoas da Trindade. Na verdade, von Balthasar, mais do que aplicar à Trindade o conceito de ‘esvaziamento’, faz deste, a essência e o caminho teológico para adentrar no mistério da Trindade, contemplando o Mistério do Cristo. Assim assevera Balthasar:

Pode-se aceitar como provado que o sujeito que se esvazia, ao assumir a forma de servo, não é o Cristo agora encarnado, mas o supracósmico, que existia na forma divina; e mais: que nesta primeira quenose foi também planejada a segunda: não somente o dever de se empenhar também como homem, para alcançar a mesma condição que a dos outros, mas também o dever de se humilhar ao máximo: até à morte de cruz. [...] se quiséssemos entender este fato numa perspectiva cristã e, por isto mesmo, se fossemos



forçados a interpretá-lo no horizonte da Cristologia e, conseqüentemente, da doutrina da Trindade, então seria preciso admitir um ‘acontecimento’ no Deus supracósmico e ‘imutável’, e tal acontecimento, descrito com as palavras ‘esvaziamento’ (aniquilamento) e ‘humilhação’, seria o ‘abandono’ da ‘igualdade com Deus’, e isto atingiria a preciosa possessão da ‘glória’.<sup>12</sup>

Desta afirmação balthasariana se depreende a cristologia da *adoxologia* em Cristo, ou seja, Cristo humilhou-se, aniquilou-se se tornando *a-doxo* – sem glória<sup>13</sup>. Balthasar afirma esta adoxologia perquirindo a teologia dos Padres da Igreja, como Cirilo, segundo o mesmo, a encarnação é para Deus, não um ‘acréscimo’, mas um esvaziamento, uma (*ἀδοξία* - sem a glória). Também Leão Magno, que compreende a encarnação como: *inclinatio maiestatis, humilitas e divinitatem usque ad humana submisit*,<sup>14</sup> e Hilário que assevera que *Sua baixaza é nossa grandeza, sua fraqueza é nossa honra*,<sup>15</sup> por fim, Balthasar apresenta a teologia quenótica de Atanásio que assim afirma:

Que poderia haver de mais luminoso e mais comprobativo do que estas palavras? Ele não se converteu, portanto, de inferior em superior, mas, sendo Deus, assumiu a forma de servo e, com esta adoção, não se tornou melhor, mas se rebaixou; o homem, pelo contrário, era quem precisava ser elevado, ‘por causa da baixaza da carne e da morte’.<sup>16</sup>

Balthasar emprega o termo para indicar o ser mesmo de Deus, ou seja, para, a partir de Jesus de Nazaré, principalmente o que tange seu Mistério Pascal, entra no vislumbre da vida intra-trinitária.<sup>17</sup> Em Balthasar, a quenose não restringe somente a pessoa do Filho, mas também ao Pai e ao Espírito Santo, sendo, portanto, a quenose a chave teológica para adentrar no próprio mistério trinitário em suas relações e missões, bem como, a chave para compreender o próprio mistério Encarnatório e da paixão-ressurreição do Filho.

Assim, o Pai - esvazia-se - de si para gerar eternamente seu amado Filho, este por sua vez, torna-se a imagem encarnada do ‘empobrecimento’, assumindo a condição humana, na carne, fazendo-se um ‘ser-para’.

A imagem-esvaziada do Filho na Ceia-crucifixão-morte-descida aos infernos encontra seu máximo despojamento no sopro de seu hálito-pneumático sobre a Igreja e o mundo. O Espírito Santo doado por Cristo pode ser vislumbrado como o ícone vivo deste esvaziamento contínuo da Trindade, que não cessa de doar-se ao homem. O Espírito Santo é em sua essência epiclese, é saída de si, não se olvide que a Igreja é *πνεύματο - κλέτερα*<sup>18</sup> (*pneumatoclétera*), ou seja, tem por missão ser a invocadora do Espírito Santo. É por obra do Espírito Santo, que a liturgia é a celebração no tempo e no espaço do *opus redemptionis*,<sup>19</sup> ou seja, o plano histórico-salvífico realizado pelo Pai em Cristo, é atualizado sacramentalmente em cada ação litúrgica. Como tal, a liturgia é essencialmente epifania do Espírito de Cristo Ressuscitado.<sup>20</sup>

Em Balthasar transparece o ligame entre a Igreja e o Espírito Santo, para o referido teólogo, a Igreja é fruto do Ressuscitado – o *ἄνθρωπος πνευματικός* (Homem espiritual) que doa à Igreja como primeiro fruto pascal o dom do Espírito Santo. Por isto, Balthasar



afirma que *Toda a fundação da Igreja acha-se profundamente ligada à missão do Espírito.*<sup>21</sup>

Assim, a teologia balthasariana posiciona-se criticamente em relação à exegese bultmaniana, segunda o qual, haveria um cristianismo judaico (Pedro) e um cristianismo gentílico (João), assim assevera Balthasar: *A exegese de Bultmann [...] é tão desproporcional e inadequado [...]*,<sup>22</sup> isto se refere ao problema da Igreja “enquanto feminina e masculina”. Para Balthasar temos em João, uma alegoria pormenorizada das relações entre a Igreja oficial (Pedro) e a Igreja do amor (João), pois somente quem vê ambas as Igrejas como símbolos reais dessa dupla faceta eclesial.

Após este lacônico percurso nos pressupostos ao pensamento balthasariano, far-se-á necessário perquirir acerca do pensamento teológico de autor, no que tange à ressurreição.

## 2. EU VOLTO AO PAI: TEOLOGIA BALTHASARIANA DA RESSURREIÇÃO

Sai do Pai e vim ao mundo; de novo deixo o mundo e vou ao pai.<sup>23</sup>

Balthasar inicia a seção V, intitulada: *A volta para o Pai (Páscoa)*, ponderando que somente no horizonte de um pensar teológico de cunho soteriológico e trinitário é que se pode vislumbrar algo do Mistério da Páscoa, ou seja, em que uma morte, em aparência definitiva, é verdadeiramente devorada pela vida eterna. Buscar-se-á, neste item perquirir a teologia ressurrecional de Balthasar, em vista, de apresentar a síntese do que Balthasar afirma ser a dramaticidade do *Triduum Mortis*.

### 2.1. O crucificado é o ressuscitado

Desde que o Pai ressuscitou Jesus e ambos derramam seu Espírito comum, revela-se a nós mais profundamente o mistério trinitário, embora seja sua manifesta profundidade que nos abre a inabarcabilidade de Deus.<sup>24</sup>

Ainda que ressoe-nos a frase de Hans Urs von Balthasar: [...] *embora seja sua manifesta profundidade que nos abre a inabarcabilidade de Deus*, recordando-nos da apofaticidade do discurso acerca da Trindade, mostrar-se-á, neste item, uma introdução aos principais aspectos da teologia trinitário-ressurrecional de Balthasar, para tanto, buscar-se-á, a explicitação do conteúdo teológico que identifica o crucificado com o ressuscitado, vislumbrando no mesmo, a origem preclara de uma teologia do *triduum Mortis* em que todas as pessoas da trindade são afetadas e participam da paixão e ressurreição do Filho.

Para Balthasar há uma identificação entre o crucificado e o ressuscitado, esta expressa, segundo o autor, as marcas da crucificação no Cristo ressuscitado, não são apenas mnemônicos da experiência passada na cruz, mas querem mostrar, que *tendo sido essa*



*dramaticidade experimentada pela Trindade econômica, mantém atualidade perene graças a sua unidade com a Trindade imanete.*<sup>25</sup>

Assim, segundo Balthasar, é essencial que as marcas da crucificação perdurem na ressurreição e transfiguração, segundo Ribeiro,<sup>26</sup> não tanto, para testemunhar aos discípulos a identidade do corpo crucificado com o corpo espiritualizado ou ressuscitado, mas, para fazer com que os discípulos participem na essencial infinidade de sua divina pessoa.

## 2.2. O caráter único da afirmação teológica: Jesus Ressuscitou

Segundo von Balthasar, somente à luz da ressurreição é que a fé cristã existe, a cruz e o sepultamento revelam assim, no Cristo Ressurreto toda a sua importância. Assim, posto a identidade entre o crucificado e o ressuscitado, cabe-nos analisar ainda que laconicamente o que Balthasar compreende como sendo a afirmação fundamental teológica: *Jesus ist auferstanden.*<sup>27</sup>

A cristologia balthasariana somente pode ser vislumbrada no horizonte da teologia trinitária da quenose, este revela uma *teo-logia*, ou seja, um discurso acerca de Deus fundado no amor, pois Deus porque ama, entrega-se a si mesmo na cruz. O Tríduo Santo, a saber, a paixão e morte do Senhor Jesus Cristo é iluminado pelo evento o *opus Dei*, Deus realiza uma obra: ressuscitou a Jesus pelo Espírito Santo para constituí-lo *Kyrius*.

No início da seção V – *A volta para o Pai (Páscoa)*, Balthasar assevera que para toda hermenêutica filológica parte do princípio imperativo de que o texto deve dizer por si mesmo, para somente num segundo momento poder fazer com que o texto diga algo ainda hoje para nós. Assim, o referido autor propala que a unanimidade da proclamação das perícopes Bíblicas acerca da Ressurreição, não devem ser concebidas, como sendo, o resultado de uma simples soma das opiniões, mas ao contrário, pois as testemunhas estão de acordo, formam a Igreja, que é o verdadeiro sujeito da fé pascal por ela fundada (1Cor 15,11).

Para Balthasar as testemunhas (sujeitos) e os testemunhos (escritos) são partícipes da fé pascal da Igreja, a Igreja é a grande testemunha da Ressurreição do Seu Senhor, a fé pascal é um dom e testemunho Eclesial, pois não há para o referido autor, Igreja sem a presença ‘viva’ do Senhor a partir da páscoa.<sup>28</sup>

Esta fé na ressurreição comum aos crentes é sinal do *re-conhecimento*, os cristãos se reconhecem na coparticipação na mesma fé pascal, assim é decisiva a unanimidade do *re-conhecimento na fé da ressurreição de Jesus.*<sup>29</sup>

Esta fé comum na ressurreição é a expressão da nova realidade objetiva que é expressa nas antigas perícopes com suas fórmulas breves e de aclamação, como o são as perícopes neotestamentárias: Lc 24,34; At 2, 32; 3,15; 4,10.



Com estas afirmações teológicas, von Balthasar afasta-se da cristologia de K. Barth, pois para Balthasar as perícopes neotestamentárias asseram que a ressurreição é uma nova realidade, que segundo Ribeiro, é uma ação específica de Deus, distinta do acontecimento na cruz e muito menos, como afirma a teologia barthesiana que a ressurreição é uma revelação e explicação do significado e alcance positivo da cruz.<sup>30</sup>

A perícopes de 1Cor 15,3-5,<sup>31</sup> o mais antigo testemunho da ressurreição: *πέρασμα σας, πρώτα, τι και παρέλαβον, ότι ο Χριστός πέθανε για τις άμαρτίεις μας σύμφωνα με τις Γραφάς. Φάνηκε να Κηφάς, τότε θα δώσουν τὸ δωδεκάθεο*, segundo Balthasar, revela duas afirmações fundamentais, a saber:

- a) Existem muitas testemunhas da ressurreição, escolhidas e algumas ainda vivas, entre estes Paulo se inclui (At 10,41).
- b) Que desde os testemunhos mais antigos revelam a cruz e a ressurreição como acontecimentos distintos, no entanto, se iluminam mutuamente e devem ser compreendidos numa relação mútua.

Numa clarividente afirmação, Ribeiro sintetiza a posição hermenêutica de Balthasar ao afirmar que para o referido autor: *Negar a objetividade da ressurreição como um ato específico de Deus em Cristo levaria a destruir a importância da cruz para a redenção, pois, entre o Deus da graça e o 'eu' que recebo a graça, desapareceria a mediação objetiva de Cristo.*<sup>32</sup>

Esta negação objetiva faz Bultmann, segundo o qual, a ressurreição seria meramente a tomada de consciência por parte da comunidade cristã, do significado da cruz, num preclaro esvaziamento do significado da ressurreição para a fé neotestamentária, que é a fé da Igreja.<sup>33</sup>

Assim, Balthasar assevera o caráter único, histórico e meta-histórico do acontecimento da ressurreição, esta afirmação teológica é central para a reta compreensão da teologia neotestamentária, que exprime em perícopes testemunhais e querigmáticas, a fé das testemunhas (*μαρτύρων*) que consolidam a fé da comunidade eclesial em torno do *ἀναστήθηκε τὴν τρίτη ἡμέρα κατά τὰς γραφάς,*<sup>34</sup> que rezamos como profissão de fé no Credo<sup>35</sup> nas Celebrações Litúrgicas.

### 2.3. A Impossibilidade da Compreensão Linear da Ressurreição de Cristo

Segundo Balthasar, a ressurreição é o ponto em que, na história da humanidade, há a possibilidade de abertura para a pátria trinitária, por isto, não é possível a compreensão do acontecimento único da ressurreição de forma linear, assim o mesmo, aborda três princípios de compreensão que a Escritura oferece-nos.

No que tange ao primeiro princípio, Balthasar assevera, que a Escritura apresenta Deus, como o Deus da Aliança, como o Vivente, mas também como aquele que doa a vida (Sl





36,10). Esta fé levítica irrompe em Jesus, este afirma na perícopete mateana que Deus *não é o Deus dos mortos, mas um Deus dos vivos* (Mt 22,32). Assim, Balthasar coloca no Antigo Testamento uma preparação e anúncio para a afirmação Neotestamentária de que na pessoa de Jesus temos a Palavra viva e encarnada do Pai, O Filho é o verdadeiro Vivente (Jo 14, 19), Aquele a quem o Pai deu possuir a vida em si mesmo (Jo 5,26; Lc 24,5.23; At 1,3; 25,19) e nesta consiste a novidade neotestamentária.<sup>36</sup>

O segundo princípio de compreensão, para Balthasar são os horizontes abertos pela literatura apocalíptica e pelo movimento profético tardio, ou seja, intertestamentária, em que aparece a ideia teológica, segundo a qual, os mortos ressuscitarão ao final dos tempos (Dn 12,2; Is 24-25; Mc 9,10; At 23,8). Contudo, Balthasar afirma que a novidade da afirmação neotestamentária acerca da ressurreição de Jesus consiste exatamente, nesta possibilidade de antecipação individual da ressurreição do fim dos tempos, assim, os discípulos ao afirmarem a ressurreição encontram resistência nos judeus e escândalo para os gregos.<sup>37</sup>

Por fim, Balthasar apresenta o terceiro e último princípio de compreensão encontra-se na própria pessoa do Jesus histórico, Este afirma ser o juiz da salvação ou da condenação. Contudo, von Balthasar, assevera que as tentativas de apreender a autocompreensão de Jesus presente nestas assertivas neotestamentárias fracassam, pois, segundo o mesmo, trabalham com duas categorias impossíveis de conciliação, visto que, em tempo de Jesus o justo sofrimento nunca foi visto como Messias sofrimento.<sup>38</sup>

## **2.4. A forma trinitária da afirmação teológica fundamental: Jesus ressuscitou.**

Segundo Balthasar, *que um morto volte à vida não é um acontecimento único no âmbito da Bíblia*,<sup>39</sup> mas o que realmente faz da ressurreição de Jesus um evento único e de pretensão redentora universal, é que nela se observa a *culminação do tempo sem analogia possível*.<sup>40</sup>

Assim assevera Ribeiro acerca do carácter único, histórico e escatológico da ressurreição como abertura para a pátria Trinitária é que:

Com a ressurreição se expressa a superação em Deus das fronteiras deste éon (cf. Hb 9,26; 1Pd 3,18) quando Jesus, ao passar a um tipo de existência que rompe nosso mundo de vida e de morte (cf. Rm 6,10; Ap 1,17-18), nos abre um caminho novo até a vida eterna de Deus (cf. 1 Cor 15,21 ss). Nessa passagem de um éon a outro, cruz e ressurreição são margens essenciais, para evitar que se pense, erroneamente, em uma eternidade abstrata e atemporal por contraposição à temporalidade do antigo éon.<sup>41</sup>

A ressurreição de Cristo une o passado com o presente da história humana e abre-se na perspectiva do *Eschaton*, assim, segundo Balthasar, a ressurreição é um evento intramundano, situado no tempo e no espaço, ou seja, ocorrido dentro do *Xρόνος* (*chronos*) e como uma história particular dentro da história da humanidade.<sup>42</sup>



Contudo, como assevera Ribeiro, em Balthasar, a mesma ressurreição é evento meta-histórico, ou seja, para além da história, revelando a ambiguidade dos sinais históricos, quando separados dos acontecimentos da fé, assim, a superação da história em Deus dá-se, segundo Balthasar, quando o mesmo Deus, que é supra-histórico, age em seu Filho morto e O faz ressuscitar para revela-Lo à história e na história como superior à história.<sup>43</sup>

## CONCLUSÃO

Poder-se-ia afirmar que a compreensão do teólogo alemão Hans Urs Von Balthasar acerca da categoria ressurreição é eivada pela teologia trinitária, assim, para o referido autor, em sua obra *Mysterium Paschale* a ressurreição é obra trinitária. A cristologia balthasariana somente pode ser vislumbrada no horizonte da teologia trinitária da quenose, este revela uma “teo-logia”, ou seja, um discurso acerca de Deus fundado no amor, pois Deus porque ama, entrega-se a si mesmo na cruz. O Tríduo Santo, a saber, a paixão e morte do Senhor Jesus Cristo é iluminado pelo evento o *opus Dei*, Deus realiza uma obra: ressuscitou a Jesus pelo Espírito Santo para constituí-lo *Kyrius*.

## BIBLIOGRAFIA

- ATANÁSIO. *Adv. Arium I, 40-41* (PG 26, 93 CD, 96 CD).
- AUGÉ, M. *Liturgia: Storia, Celebrazione, Teologia, Spiritualità*. Milão: Edizioni Pauline, 1992.
- BALTHASAR, H. U. von. *El misterio pascual. In: Mysterium Salutis. Fundamentos de la dogmática como historia de la salvación 3/1*. Madrid, 1969.
- COSTA, P. C. A Teologia Monarquiana ou Patripassiana. In: *Atualidade Teológica*. n. 20, p.176-191, 2005.
- HILÁRIO DE POITIERS. *De Trin. II, 25* (PL 54, 212-213).
- HOLZER, V. *Le Dieu Trinité dans l'histoire, le différend théologique Balthasar-Rahner*. Paris: Cerf, 1995.
- MOLTMANN, J. *Trindade e Reino de Deus. Uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MÜLLER, G. L. *Dogmática. Teoría y práctica de la teología*. Barcelona: Herder, 1997.
- PINELL, J. I. *Testi liturgigici di autorità nella SC. Costituzione liturgica Sacrosantum Concilium*. Studi a cura della Congregazione per il Culto Divino. Roma, BEL 38, 1986.
- RIBEIRO, C. S. M. *Mysterium Paschale. A quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*. São Paulo: Loyola, 2004.
- RUBIO, A. *O encontro com Jesus Cristo Vivo. Um ensaio de cristologia para nossos dias*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- SARTORE, D; TRIACCA. A. M, *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.





## NOTAS

\* Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral (Teologia Litúrgica) na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), o projeto de pesquisa gravita em torno da teologia das Orações Eucarísticas, tendo como orientador o Prof. Dr. Pe. Luiz Fernando Ribeiro Santana e apoio do CNPQ. Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, tendo como pesquisa: “Educação sem distância: o papel pedagógico do tutor presencial na EAD do Consórcio Cederj”, tendo como orientadora a Profª. Drª. Eliane Medeiros Borges. Graduado em Filosofia (IFITEPS), Pedagogia (UNIRIO) e graduando-se em Ciências Sociais (UFF). Contato: semvanderson@hotmail.com.

<sup>1</sup> BALTHASAR, H. U. V. *Mysterium Paschale*. In: *Mysterium Salutis. III/6: O vento Cristo* Petrópolis: Vozes, 1974, p. 127.

<sup>2</sup> RUBIO, A. O encontro com Jesus Cristo Vivo. Um ensaio de cristologia para nossos dias. São Paulo: Paulinas, 2010, p.16. BALTHASAR, H. U. V. *Mysterium Paschale*, p. 128.

<sup>3</sup> HOLZER, V. *Le Dieu Trinité dans l'histoire, le différend théologique Balthasar-Rahner*. Paris: Cerf, 1995, p. 28.

<sup>4</sup> Para aprofundar o tema da teologia trinitária: COSTA, P. C. A Teologia Monarquiana ou Patripassiana. In: *Atualidade Teológica*. n. 20, p.176-191, 2005. O monarquianismo modalista, também denominado de sabelianismo, tem como principais mentores: Noeto, Práxeas e Sabélio, ambos do século I. A heresia do arianismo dará lugar à primeira definição solene da Igreja sobre a trindade. Assim seu mentor foi Ário, presbítero de Alexandria, nascido por volta de 260, sua doutrina em suma considerava Cristo uma criatura, ainda que privilegiada, mas criatura, negando-lhe a condição divina. Buscava assim Ário, afirmar a unicidade de Deus, visto que se Cristo fosse Deus, o monoteísmo judaico-cristão estaria comprometido. Ainda o conceito de geração em Cristo parecia-lhe trazer uma perda ou diminuição no Pai, algo inaceitável. Se expressa Ária em uma carta dirigida ao Bispo de Alexandria: “[...] O Filho saiu do Pai fora do tempo, criado e constituído antes dos séculos; não existia antes de nascer, senão que, nascido fora do tempo antes de todas as coisas, ele recebe o ser só do Pai [...] Mas não é eterno, nem co-eterno, nem incriado juntamente com o Pai [...]”. HILÁRIO de Poitiers. *Tratado sobre a Santíssima Trindade IV*. p. 12-13.

<sup>5</sup> Aparecem os equívocos da heterodoxia, tais como, o subordinacionismo que levanta o problema da igualdade do status - de divindade do Filho e do Espírito Santo, em relação ao Pai, os principais representantes do monarquianismo modalista tentam preservar tanto a divindade do Filho e do Espírito Santo quanto à unidade de Deus. Müller apresenta uma síntese das heresias que negam a humanidade: “*Las que niegan(docetismo), mutilan (apolinarismo) o limitan (monofisismo, monotelismo y monenergetismo) la naturaleza humana de Cristo*” e as heresias que negam a divindade de Cristo: “*Las que negam la natureza divina de Logos em Jesús y suprimem también, portanto, el misterio de la Trinidad (ebionismo, adopcionismo, el judeo-cristianismo herético que marcó com su impronta la imagen de Jesús del islam y, sobretudo, el arianismo del siglo IV y el sozianismo del siglo XVI, así como, por supuesto, las concepciones filosóficas del empirismo, el positivismo y el agnosticismo desde la época de la Ilustración del siglo XVIII)*”. MÜLLER, G. L. *Dogmática. Teoría y práctica de la teología*. Barcelona: Herder, 1997, p. 265.

<sup>6</sup> Como exemplo da atividade teológico-pastoral dos santos padres, citar-se-á, Irineu que busca na circunvizinha fé judaica a referência às duas mãos de Javé, com as quais formou a criação. Bem como Tertuliano, que se opoñdo a tri-idade entendida meramente em termos econômico-salvíficos dos modalistas, afirma uma “tri-idade imanente de Deus”. Daí resulta a clássica fórmula: *una substantia – tres personae*, antecipando as definições magisteriais posteriores.

<sup>7</sup> A Tradição conservou peças litúrgicas nas quais a fórmula trinitária aparece em símbolos e doxologias litúrgicas antiga, estas remontam ao período apostólico e patrístico. Destas peças trinitárias e litúrgicas conservadas destacam-se: o Símbolo Niceno-Constantinopolitano (A origem do Credo remonta a liturgia batismal de Jerusalém, o Concílio de Calcedônia realizado no ano de 451, considerou um resumo da fé proposta pelos concílios de Nicéia (325) e o de Constantinopla I (381). Contudo seu uso na liturgia Eucarística deve ser buscado em Constantinopla na primeira metade do século VI. Segundo a visão de



Matias Augé, com a introdução do Credo na liturgia romana no século XI, este perde sua origem de controvérsia, com as heresias cristológico-trinitárias, passando a assumir um significado de fervorosa resposta á Palavra de Deus anteriormente proclamada. Cf. AUGÉ, M. *Liturgia: Storia, Celebrazione, Teologia, Spiritualità*. Milão: Edizioni Pauline, 1992, p. 152-153); Justino; Ireneu; Tertuliano; Hipólito de Roma com a sua obra *Traditio Apostolica*, esta transmite-nos uma Anáfora rezada na Celebração Eucarística em Roma, conhecida como a Anáfora de Hipólito. No texto anafórico, Hipólito, expressa a trinitariedade das orações litúrgicas do cristianismo no século III. Ao concluir doxologicamente sua anáfora exprime Hipólito: “[...] *ut te laudemus et glorificemus per Puerum tuum Iesum Christum, per quem tibi gloria et honor Patri et Filio cum Sancto Spiritu, in sancta Ecclesia tua, et nunc et in saecula saeculorum. Amen*”. Bem como uma estrutura interrogatória do credo batismal. Nela Hipólito, deixa-nos a resposta que o batizando deve responder com - Eu creio - a três perguntas: “Crês em Deus, o Pai, o Todo-Poderoso? Crês em Jesus Cristo, o Filho de Deus, que nasceu do Espírito Santo da virgem Maria, que foi crucificado e morreu sob Pôncio Pilatos, e que, no terceiro dia, ressuscitou vivo dentre os mortos e subiu ao céu e assentou à direita do Pai, e virá julgar os vivos e os mortos? Crês no Espírito Santo, na santa Igreja e na ressurreição da carne?” HIPÓLITO DE ROMA, *Traditio Apostolica*. 48,5.

<sup>8</sup> “Os texto litúrgicos postos juntos das citações bíblicas, patrísticas e do magistério, adquirem o caráter das clássicas vozes de autoridade, nas quais se apoia o raciocínio teológico. Portanto reconhece-se implicitamente à liturgia a capacidade de se auto definir”. Cf. PINELL, J. *I testi liturgici di autorità nella SC. Costituzione liturgica Sacrosantum Concilium. Studi a cura della Congregazione per il Culto Divino*. Roma, BEL 38 1986, p. 324. O *modus* teológico dos primeiros séculos possuía uma preocupação eminentemente bíblica, sem desvincular da liturgia e no diálogo com as correntes teológicas da época. Este processo foi a posteriori muito valorizado pelo movimento bíblico, patrístico, ecumênico, litúrgico e eclesiológico, culminando no Concílio Vaticano II.

<sup>9</sup> A estrutura teológico-trinitária de Balthasar influi a posterior teologia, basta observar a obra de Moltmann, que segue uma estrutura trinitária na interpretação do evento cristológico da páscoa: “A ressurreição não deve ser entendida unicamente no sentido escatológico, mas também no seu processo interno no sentido trinitário. Isso faz com que seja necessário o emprego expresso do nome do Filho nessa relação. Qual é, nesse contexto, a forma da Trindade reconhecível na história do Filho? O Pai ressuscita o Filho, pela força do Espírito; O Pai revela o Filho, pelo Espírito; O Filho é estabelecido como Senhor do poder de Deus, mediante o Espírito”. MOLTSMANN, J. *Trindade e Reino de Deus. Uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 100. Ainda que Balthasar leve às últimas consequências, pois o mesmo lê em chave trinitária todo o mistério da quenose econômica de Jesus Cristo, desde o mistério Encarnatório até o cume da morte na cruz e a ressurreição e a quenose intra-trinitária, no doar-se eternamente do Pai, do Filho e do Espírito Santo, assim assevera Balthasar que “tudo o que é pensável e imaginável sobre Deus é desde sempre incluído e superado nessa *destituição de si* que constitui a pessoa do Pai e, ao mesmo tempo, a do Filho e a do Espírito”. *Mysterium Paschale*, p. 10 (versão francesa, prefaciada por Balthasar: *Pâques le Mystère*, Paris: Éditions du Cerf, 1981).

<sup>10</sup> *Mysterium Paschale*, p. 10.

<sup>11</sup> “Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Por isso mesmo é que Deus o elevou acima de tudo e lhe concedeu o nome que está acima de todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobrem todos os joelhos, os dos seres que estão no céu, na terra e debaixo da terra; e toda a língua proclame: “Jesus Cristo é o Senhor!para glória de Deus Pai.”

<sup>12</sup> *Mysterium Paschale*, p. 15-16.

<sup>13</sup> Balthasar, contudo, assevera que “[...] se negasse, com os arianos, a igualdade substancial do Filho com o Pai, ou se se admitisse, com os gnósticos, que o Logos tinha assumido apenas um corpo aparente (o que excluiria uma quenose), ou se, com Nestório, se colocasse o acento na ‘promoção’ de um homem à dignidade de homem divino: assim, só a segunda parte do hino seria considerada. Coube à ortodoxia, em luta contra esta tríplice frente herética [...]. Uma primeira ideia fundamental que se oferece à ortodoxia e pode ser aplicada por Atanásio contra Ario e Apolinário, por Cirilo contra Nestório, por Leão Magno contra Eutiques, foi a seguinte: que a decisão de Deus em fazer o *logos* se encarnar significaria para este,



uma verdadeira humilhação, uma diminuição, na verdade tanto maior, quanto a condição histórica em que se encontrava a humanidade pecadora estivera desde sempre diante de seus olhos”. *Mysterium Paschale*, p. 16.

<sup>14</sup> “Submeteu a divindade ao que era humano”. *Sermo 3,2* (PG 76, 366).

<sup>15</sup> *De Trin. II, 25* (PL 54, 212-213).

<sup>16</sup> *Adv. Arium I, 40-41* (PG 26, 93 CD, 96 CD), neste excerto atanasiano, o mesmo escreve referindo-se à perícopos de Filipenses 2.

<sup>17</sup> RIBEIRO, C. S. M. *Mysterium Paschale. A quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 19.

<sup>18</sup> O léxico quer expressar o seguinte conceito teológico: *Pneuma* (Espírito) e *kletera* (chamar, invocar), assim, a Igreja é a grande invocadora do Espírito Santo, não se olvide das belas fórmulas eucológicas da liturgia: Na intercessão epiclética do Espírito sobre a Igreja, ainda que com palavras diversas o sentido eclesial-pneumático-eucarístico é o mesmo em ambas as Preces Eucarísticas. A Anáfora de Hipólito afirma: “E te pedimos que envies o teu Espírito Santo sobre a oferta da santa Igreja, congregando na unidade todos os santos que desta (oferta) participam [...]”, a Oração Eucarística II diz: “E nós vos suplicamos que, participando do Corpo e Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo”; na Oração Eucarística III assim suplica-se: “Por isto, nós vos suplicamos: santificai pelo Espírito Santo as oferendas que vos apresentamos para serem consagradas [...]”; a IV Oração Eucarística: “Por isto, nós vos pedimos que o mesmo Espírito Santo santifique estas oferendas [...]”; a V Oração Eucarística: “[...] mandai vosso Espírito Santo afim de que nossas oferendas [...]”. A Igreja é pneumatoklétera.

<sup>19</sup> Buscando uma explicitação do termo – *opus redemptionis*, ser-nos-ia indispensável debruçar-se sobre os textos eucológicos da própria liturgia e nesta, encontra-se: “*quoties huius commemoratio celebratur, opus nostrae redemptionis exercitur*” (toda vez que celebramos este memorial do sacrifício do Senhor, realiza-se a obra de nossa salvação). Assim, a liturgia torna-se - escola - da fé e da práxis, a explicitação da teologia da Redenção, justificação e sacramentologia, encontra na liturgia sua *lex celebrandi*.

<sup>20</sup> “É igualmente por obra do Espírito Santo que toda ação litúrgica manifesta e realiza a presença de Cristo e que a 'memória' do mistério salvífico não se limita a ser simplesmente uma piedosa recordação, mas é de fato 'anamnese' histórico-salvífico. Impõe-se, assim, a necessidade do estudo da presença e da ação do Espírito Santo na liturgia”. SARTORE, D; TRIACCA, A. M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 359. verbete: Espírito Santo

<sup>21</sup> *Mysterium Paschale*, p. 185.

<sup>22</sup> *Mysterium Paschale*, p. 1183.

<sup>23</sup> Jo 16,28. Partindo desta perícopos joanina, Balthasar constrói a seção V de sua obra *Mysterium Paschale*.

<sup>24</sup> BALTHASAR, Hans Urs von. El misterio pascual. In: *Mysterium Salutis*. Fundamentos de la dogmática como historia de la salvación 3/1. Madrid, 1969 p. 288.

<sup>25</sup> RIBEIRO, C. S. M. *Mysterium Paschale. A quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 142.

<sup>26</sup> *Idem*, p. 142.

<sup>27</sup> Jesus ressuscitou.

<sup>28</sup> Cf. MP, p. 182.

<sup>29</sup> MP, p. 181.

<sup>30</sup> RIBEIRO, C. S. M. *Mysterium Paschale. A quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 144.



<sup>31</sup> “Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Cefas, e depois aos Doze”. Tradução segundo a Bíblia de Jerusalém da perícopes de 1Cor 15, 3-5.

<sup>32</sup> RIBEIRO, C. S. M. *Mysterium Paschale. A quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 144-145.

<sup>33</sup> Esta negação objetiva do evento ressurrecional, além de encontrar em Bultmann expoente, também em John Hick, este afirma em sua cristologia que a encarnação é uma simples metáfora, não sendo real a encarnação, mas aparente e metafórica, a ressurreição é uma mera metáfora.

<sup>34</sup> [...] *ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras*. 1Cor 15,4. Von Balthasar ao comentar do Credo Apostólico, em sua obra: *Meditaciones sobre el Credo Apostólico*, aduz que na teologia paulina, ao ser afirmado que ao terceiro dia ressuscitou, “conforme as escrituras” (1Cor 15,4), este quer ver na ressurreição, não como algo que era esperado, agradável, ou ainda, como profecia no Antigo Testamento, cumprida do Novo, os próprios Evangelistas colocam esta nos lábios de Jesus conforme a perícopes marqueana de Mc10,34.

<sup>35</sup> Καὶ ἀνελθόντα εἰς τοὺς οὐρανοὺς καὶ καθεζόμενον ἐκ δεξιῶν τοῦ Πατρὸς, na versão grega do texto do Concílio Niceno-Constantinopolitano. E na versão latina: *Et resurrexit tertia die, secundum Scripturas*.

<sup>36</sup> MP, p. 187-188.

<sup>37</sup> MP, p. 188-190. Assim, é perceptível nas perícopes neotestamentárias acerca da ressurreição, encontra-se uma coincidência entre o evento da ressurreição e a parusia, pois os mesmos tinham a convicção que estavam perante a última epifania de Deus. Contudo, a comunidade cristã foi refletindo a ponto de dividir o presente escatológico em um “agora” e um “depois”, uma posse e uma esperança. Como fica evidenciado nas seguintes perícopes: Mt 28,2-4; Ap 1,13s; Mt 27,51s; Mc 15,33; 2 Pd 1,16; Mt 28,16-20. Cf. RIBEIRO, C. S. M. *Mysterium Paschale. A quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 148.

<sup>38</sup> MP, p. 190-191.

<sup>39</sup> MP, p. 185.

<sup>40</sup> RIBEIRO, C. S. M. *Mysterium Paschale. A quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 145.

<sup>41</sup> Idem. p. 145.

<sup>42</sup> MP, p. 186.

<sup>43</sup> Cf. RIBEIRO, C. S. M. *Mysterium Paschale. A quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 146. Assim, os dois momentos, a saber da entrada e da saída, como assevera Balthasar, ou seja, da Encarnação (entrada) e Ressurreição (saída), tocam o amago da história humana e esta, a ressurreição, é testemunhada por muitos como a encarnação o foi, assim como testifica o texto lucano. Por isto, Balthasar assevera que na ressurreição é que se dá, na história humana a abertura a pátria trinitária. Interessante observar que nesta linha da história em sua relação com a ressurreição e a trindade seja trabalhada tanto pela teologia católica, tendo como expoente representativo, bruno Forte e no campo protestante, Moltmann.

Artigo submetido em 23/04/2012

Artigo aprovado em 30/05/2012